

CIDADE: UMA BELA HOMENAGEM AO NOSSO MAIOR DRAMATURGO

Em 1937, no jornal *O Globo*, Nelson Rodrigues publica, sob o título “O irmão”, o primeiro capítulo de uma novela que permaneceu inacabada. Em 2014, numa bela homenagem, a Editora Nova Fronteira – que atualmente reúne toda a obra em prosa deste genial autor somada à produção dramaturgica – traz ao público a novela **Cidade**. Para possibilitar semelhante desafio criativo, convocou não um, mas quatro escritores de coragem e talento: André Sant’Anna, Carlito Azevedo, Aldir Blanc e Veronica Stigger, que foram bordando, cada um no seu estilo peculiar, os fios da trama que ora se apresenta. Para o arremate da novela, os próprios editores do projeto, sob o pseudônimo rodriguiano de Suzana Flag, construíram o capítulo final: “A verdadeira história de uma cidade”.

Continuando nesse tom de homenagem rasgada, esta resenha se propõe a apontar, partindo do texto imaginado pelo criador de *Vestido de noiva*, alguns ecos da sua obra em cada um dos capítulos da novela, junto com uma breve apresentação de cada escritor convidado para o projeto.

No primeiro capítulo, Nelson Rodrigues delinea os contornos da trama. O cenário: a “Pensão Oriente”, na qual uma mulher atende a porta vestida com um *peignoir* e sem pintura no rosto. As personagens: Cláudio, maltrapilho e com olhar ardente de febre; a irmã Branca, doce, com uma falha nos dentes, alienada, segundo o irmão, da sua degradação moral de prostituta; e Joãozinho, filho a que Branca faz alusão junto com “o pessoal lá de casa”. A miséria dos irmãos é sublinhada de forma intensa, atingindo não só o nível material, mas estendendo-se à totalidade do ser de cada um. A relação de amor obsessivo e doentio, de carinho e repulsa, também é sugerida.

André Sant’Anna, músico, escritor, redator de televisão e publicidade, autor de *Inverdades* (Rio de Janeiro: 7Letras, 2009) e *O Brasil é bom* (São Paulo: Companhia das Letras, 2014), dentre outras obras de relevo, teve o desafio de receber a trama da pena de Nelson e costurar o segundo capítulo.

“O marido da cunhada do irmão” nos apresenta tempo e espaço: “aquele Rio de Janeiro em 1937”, além de uma nova personagem: Ulpiano, um marido traído que é sustentado pelo homem que lhe roubou a esposa. Ele conta ao leitor a triste história de

Cláudio na sua cidade natal. Os ecos de Nelson Rodrigues estão em toda parte, mas o maior deles é a construção do perfil de Cláudio: “o traído, o abandonado, o doente, o puro que sofria a dor pura de amor”, o poeta com caspa. Na sua obsessão, ele só pensa em Branca, na inocência da jovem muito linda que nem sabia que sofria. E confessa para si mesmo um amor proibido na cidade de onde ele e a irmã saíram, conceituando-o como “amores entre cadáveres”, repetindo como um mantra a frase: “é por causa dela que vou no boteco tomar uns negócios...” enquanto se dirige ao bar.

Essa visão do amor único, que não encontra acolhida neste mundo, da escolha pelo sofrimento, pela dor, pela loucura, pelo pecado que recusa o perdão, é uma temática recorrente no universo rodriguiano. Para completar, ainda temos outra temática recorrente, a relação de duas irmãs com o mesmo homem, a atração que todo homem sente pela própria cunhada, como em *Vestido de noiva* e *A serpente*.

Carlito Azevedo, poeta, tradutor, crítico e editor, autor de *Collapsus Linguae* (Rio de Janeiro: Lynx, 1991), livro de poemas pelo qual recebeu o prêmio Jabuti, além de outras obras como *Monodrama* (Rio de Janeiro: 7Letras, 2009), aceitou a provocação de desenhar o terceiro capítulo, recebendo como gancho a aparição de uma nova personagem no bar: o jornalista Carneiro.

A escrita de “O homem por detrás do bigode” recusa a saída narrativa mais óbvia, deixando a personagem ainda sem nome, caracterizada somente pelo bigode e pelo pedido de informação, na porta do boteco. Volta a sua atenção para Branca Turno-da-Noite e a sua relação com a amiga Jane Rasga-Lençóis. Assim como o irmão, Branca sofre e confessa que a família “é o melhor e o pior na nossa vida”. Diz que a pessoa que mais amou no mundo foi Cláudio, até lhe nascer Joãozinho. A relação bem próxima entre as amigas nos remete a personagens como Glória e Teresa, da peça *Álbum de família*.

No entanto, o eco mais prazeroso para os leitores saudosos do Anjo Pornográfico está na criação em profusão de frases de efeito como: “Lágrimas podem ser ótima companhia.”, “Faz um silêncio de rua antes do crime.”, “Não há vergonha maior que o plágio.”, “Coisa boa é dar paulada nos paulistas.”, “amizade boa se sela em pensão alegre”. Os leitores certamente se lembrarão das célebres: “O mineiro só é solidário no câncer.” e “No Brasil todo mundo é Peixoto.” de *Otto Lara Resende ou Bonitinha, mas ordinária*.

Além do que já foi mostrado, temos também a grande obsessão do genial dramaturgo: a relação entre o amor/ódio e a morte, ilustrada pela tentativa frustrada de suicídio de Cláudio, quando morava na sua cidade. Some-se ainda a história do muro que tem do lado negro escrito amor e do lado branco escrito ódio, se um lado do muro aumenta ou diminui, o outro lado o acompanha, lembrando os muros da casa de Ismael, na peça *Anjo negro*, que aumentavam junto com a solidão da personagem.

Aldir Blanc, compositor e escritor, autor de pérolas da nossa música popular como “Dois pra lá, dois pra cá”, em parceria com João Bosco, parceiro de outros grandes como Moacyr Luz, Guinga, Ivan Lins e Cristóvão Bastos, tem, dentre outros na sua criação literária: *Brasil passado a sujo* (São Paulo: Geração Editorial, 2006) e *A cruz do bacalhau* (Rio de Janeiro: Agir, 2009). Foi dele o labor de tecer o quarto capítulo.

“Da Lapa ao Gólgota” é um capítulo curto e ágil, que ostenta ligações profundas com o universo rodriguiano. A começar por uma declaração de Cláudio no início do capítulo “– Eu também sou escória! Graças a Deus, eu também sou lixo!”, que lembra o agradecimento de Misael, em *Senhora dos afogados*: “– Graças por ter encontrado, na minha própria casa, quem tenha matado como eu!” e que mostra uma necessidade de pertencimento do ser humano, mesmo que pelo lado sórdido. Pode-se observar também a coragem entre suicida e assassina de Cláudio, que tomado pela bebida procura a tia Lídia, irmã da mãe, pouco mais velha que Branca, que também é prostituta. As tias são personagens recorrentes nos dramas, além de aqui se reafirmar a máxima de que toda família tem “um momento em que começa a apodrecer. Pode ser a família mais decente, mais digna do mundo. Lá um dia aparece um tio pederasta, uma irmã lésbica, um pai ladrão, um cunhado louco”.

O ponto crucial do capítulo são as duas cenas familiares. A aparição na casa da tia Lídia, em que após lhe dar um tapa de tirar sangue, o sobrinho a beija de forma furiosa porque “ela havia pedido de um jeito que homem algum pode recusar” e o segundo encontro com Branca, em que ele a faz jurar que “nunca vai ter um cafetão presepeiro”. O capítulo termina com o anúncio de Cláudio de que vai para Minas, somado à referência bíblica da *via crucis*, numa comparação com o martírio que a personagem pretendia realizar. Ele se vê, como o bom ladrão, ao lado de Cristo, “um Jesus Cristo com o rosto de Carlos Gardel”, numa referência à peça *Álbum de família*,

na qual Glória via o Cristo com o rosto do próprio pai, Jonas. O salvador da humanidade o incita a matar com o machado o responsável por todas as desgraças da família: João Almeida, num parentesco com a peça *Os sete gatinhos*, em que a culpa pelas desgraças da família é atribuída inicialmente à personagem Bibelot.

Veronica Stigger, escritora, crítica de arte e professora universitária, com contos traduzidos para diversas línguas, autora de *Os anões* (São Paulo: Cosac Naify, 2010) e *Minha novela* (Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2012), tem nove livros publicados, dois deles para crianças, em coautoria com Eduardo Viveiros de Castro. Foi dela a incumbência de bordar cuidadosamente o quinto capítulo para devolvê-lo à *persona* de Nelson Rodrigues na figura de Suzana Flag, aqui representada por uma concepção coletiva dos editores do projeto.

“O concunhado” é o capítulo em que finalmente o leitor se depara com a personagem João de Almeida. Os ecos de Nelson já se vislumbram quando o comerciante aparece arrumando a vitrine de sua loja de roupas íntimas, apalpando as nádegas das manequins e declarando: “– Uma mulher verdadeiramente honesta jamais mostra seus seios. (...) — Nem mesmo para seu marido”. Contudo, o auge acontece na cena entre João de Almeida e Cláudio, que entrou na loja com um machado na mão disposto a tudo. Ela começa com extrema violência e termina de forma absolutamente surpreendente, nos remetendo à relação entre o sogro Aprígio e o genro Arandir, na peça *Beijo no asfalto*.

Suzana Flag é um dos pseudônimos femininos do dramaturgo pernambucano, que, em 1944, teve publicado em folhetim seu romance *Meu destino é pecar*, além de outros como *A mentira*, em 1953. Nesta novela, foi a escolhida para fazer o capítulo e representar os editores do projeto.

O capítulo “A verdadeira história de uma cidade” é todo uma vertigem. Apesar de ser o capítulo mais longo, as cenas finais se sucedem de maneira rápida e intensa, numa relação de parentesco muito forte com os textos teatrais. Carneiro, o jornalista, tem a função de narrar a história desde o início, ainda na infância de Cláudio e Branca até os acontecimentos que se sucedem desde a chegada de João de Almeida na cidade até a partida de Branca e Cláudio para o Rio de Janeiro. Há um desfile de personagens: Maurício e Selma (referência à personagem de *Beijo no asfalto*), pais de Inês e Hilda;

Arandir (também de *Beijo no asfalto*) e Glória (*Álbum de família*), pais de Cláudio e Branca.

Assim como os demais, o capítulo não foi escrito por Nelson Rodrigues, mas bem poderia ter sido. As reviravoltas, as relações de amores proibidos, os tabus, os incestos, a hipocrisia social desmascarada na exposição cruel de nossos avessos, tudo isto faz com que a leitura de *Cidade* se mostre de grande interesse para todos os admiradores deste gênio da dramaturgia nacional. E como o último capítulo traz inúmeros ecos em relação às peças, terminamos com uma citação que faz uma dupla referência à relação especular que existe entre as irmãs Alaíde e Lúcia, de *Vestido de noiva*, e Guida e Lígia, de *A serpente*, numa fala de João de Almeida: “Escuta o que eu estou lhe falando: você vai aprender comigo o que é dor de verdade. Eu vou tirar tudo de você. Tudo! Entendeu?!”

RODRIGUES, Nelson *et al.* *Cidade*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.